

# Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski

A relevância do social

ISILDA CAMPANER PALANGANA



*DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM EM PIAGET E VIGOTSKI*  
*A relevância do social*

Copyright © 1998, 2015 by Isilda Campaner Palangana  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Buono Disegno**

Produção editorial: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

### **Summus Editorial**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	7
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 A CONCEPÇÃO DE JEAN PIAGET</b> .....	17
Proposta teórica. ....	17
Pressupostos filosóficos e epistemológicos .....	34
A relação entre desenvolvimento e aprendizagem .....	74
<b>2 A CONCEPÇÃO DE LEV SEMENOVICH VIGOTSKI</b> .....	91
Proposta teórica. ....	91
Pressupostos filosóficos e epistemológicos .....	113
A relação entre desenvolvimento e aprendizagem .....	131
<b>3 A RELEVÂNCIA DO SOCIAL NUMA PERSPECTIVA INTERACIONISTA</b> ...	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	165
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	171

## Prefácio

DESDE QUE ESTE LIVRO foi inicialmente publicado, muito foi dito sobre as proximidades, diferenças e mesmo complementaridades entre dois autores caros à Psicologia: Piaget e Vigotski. Mas esse fato em nada retira a importância desta nova edição de *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski: a relevância do social*, dada a maneira como as ideias de um e outro autor são apresentadas, contrastadas e, finalmente, comparadas. O leitor encontrará, na Introdução, uma boa explicação sobre a estrutura do livro e sobre o que é tratado em cada capítulo. Assim, minha opção, ao escrever o prefácio deste livro, foi contextualizá-lo no tempo em que foi escrito ou, melhor dizendo, no que me lembro de ter vivido durante sua elaboração, ao lado de sua autora.

Éramos as duas, Isilda e eu, muito jovens. Eu tinha acabado de ser contratada para lecionar na pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, e ela era a minha primeira orientanda. Isilda, por sua vez, dava seu primeiro passo para avançar em sua carreira universitária, vindo de Maringá a São Paulo, para realizar seu mestrado. Para alguém como eu, que se iniciava no ofício e na arte de orientar, ela era um presente dos céus: cheia de energia e de vontade de acertar, bem formada, com pleno domínio da escrita, disciplina intelectual e disposição para inovar. Justamente por suas inúmeras qualidades, deveria eu saber que a tarefa de orientação não seria simples: começamos logo por um estudo teórico, pois Isilda buscava entender as proximi-

dades e diferenças entre autores com propostas muito densas, como é o caso de Piaget e Vigotski.

Lembro-me de minha surpresa com essa escolha porque, ingenuamente, acreditava que os estudos empíricos, cujos dados em geral saltam aos olhos, eram mais compatíveis com trabalhos de mestrado. Mas, em especial, recordo-me do imenso medo que senti, por perceber com clareza que esse era um problema que iria exigir de mim algo que talvez eu não estivesse ainda preparada para dar. Mas a determinação e o ânimo de Isilda reiteraram a minha crença de que ninguém coloca a si mesmo problemas aos quais não seja capaz de dar uma solução. Assim, nós duas, corajosamente, embarcamos na aventura de estudar e compreender melhor o que nos dizem autores que não aceitam nem que sejamos quem somos porque nascemos assim, nem que sejamos quem somos por determinação do meio em que vivemos.

A experiência de acompanhar Isilda em seu mestrado foi muito prazerosa. Ela já era, naquele momento, uma pesquisadora exigente, criteriosa e incansável. Dedicada, quando tinha dúvidas, voltava a consultar os livros e a estudar os autores. Argumentava com propriedade e sabia justificar seu ponto de vista. Voltava atrás sem pesar, se fosse necessário. Percebia que a crítica externa é sempre inócua, de maneira que buscava entender o ponto de vista de quem escrevia (Piaget ou Vigotski), sem os preconceitos e sem os vieses que naqueles tempos eram tão comuns. Conseguia mover-se com tal facilidade entre as matrizes filosóficas que davam sustentação a cada autor que reconhecia a presença delas seja nos conceitos centrais, seja na forma de articulá-los em suas respectivas teorias. Não podia reclamar nada dessa primeira orientação. Foi um período rico, creio eu, para nós duas, no qual aprendemos muito sobre o que estudávamos e, também, uma com a outra.

Juntas, fomos além de aprofundar nossos conhecimentos em Psicologia e em Educação e descobrimos o que é formar uma

dupla produtiva de orientador e de orientando. De fato, essa não é uma aprendizagem simples: de um lado, ela exige, do orientador, respeito e cuidado com a produção do orientando, ciência de que está participando da constituição de um novo mestre, segurança e abertura de espírito para não se sentir ameaçado por isso. Do outro lado, o do orientando, requer confiança no próprio trabalho, perseverança para argumentar e enfrentar críticas, dedicação para cumprir prazos, segurança para perceber-se como um novo mestre e muita, muita, muita garra para assumir esse papel.

Isilda e eu fomos bem-sucedidas na empreitada que nos dispusemos a enfrentar, o que não quer dizer que ela tenha sido nem simples nem fácil. A cumplicidade exigida de parceiros em um trabalho não nos é dada de pronto: é preciso conquistá-la na e pela interação, algo que envolve acertos e desacertos, algumas tristezas, umas poucas lágrimas, bastante entusiasmo e, sempre, muita confiança no outro. E, por incrível que pareça, essa cumplicidade, uma vez alcançada, permanece viva, mesmo com o passar do tempo, pois foram muitos os anos sem que Isilda e eu mantivéssemos contato pessoal. Mas eis que um dia o livro de sua dissertação vai ser reeditado, alguém irá escrever sua apresentação, meu nome virá à tona. E assim, senhoras e senhores, eu, orgulhosamente, tenho o prazer de apresentar a vocês um livro que vale a pena ler, porque ele irá lhes ensinar muito não só Psicologia, ao elucidar as propostas de Piaget e Vigotski, como também Educação, ao apontar as possíveis relações da aprendizagem com o desenvolvimento humano.

Confiem: vocês se aprimorarão profissionalmente, sejam psicólogos ou pedagogos, com o trabalho cuidadoso, preciso e precioso realizado por Isilda. Para os que pretendem ingressar na carreira universitária e encontram-se hoje cursando o mestrado, ele contribui também para aumentar as aspirações, ao mostrar ser possível abordar temas intrincados com sucesso. O caminho da formação de um docente de nível superior não é fácil e mode-

los são sempre bem-vindos. Sem hesitação, posso dizer que este livro é um desses modelos. Não por acaso ele está sendo reeditado e essa nova edição só reitera o que já foi dito.

CLAUDIA LEME FERREIRA DAVIS

Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); superintendente de Educação e Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, entre outras atividades acadêmicas.

# Introdução

A PRINCIPAL FINALIDADE DE toda estrutura educacional é promover a aprendizagem e o desenvolvimento do ser humano. Isso, por si só, justifica a constante preocupação, não apenas de psicólogos e educadores como de pesquisadores de outras áreas, com a complexa natureza desses processos. Há várias formas de conceber o desenvolvimento e a aprendizagem como propriedades fundamentais do homem, as quais se relacionam com uma multiplicidade de fatores tanto intra e interindividuais, bem como com aqueles referentes às disponibilidades do meio material. Diferentes visões e explicações podem ser adotadas para compreender a forma como o sujeito aprende e se desenvolve. Trata-se, em suma, de reconhecer a presença de posturas teórico-metodológicas divergentes entre si no encaminhamento dessa questão. Não obstante, existe um aspecto básico do qual nenhuma dessas posturas pode prescindir: a aprendizagem e o desenvolvimento do pensamento pressupõem, sempre, uma relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Muitas teorias se propõem a explicar como ocorre a aquisição do conhecimento, mas poucas se voltam para a interação entre sujeito e objeto como elemento fundamental no processo de construção e do conhecimento e do próprio homem. Como se sabe, as indagações acerca da natureza humana e da possibilidade de trocas sociais que esta oferece são tão antigas quanto as obras dos grandes filósofos. No entanto, os estudos sistemáticos sobre o peso ou o alcance das interações histórico-

-sociais são recentes, datando da primeira metade do século XX. Nas últimas décadas, observa-se um crescente interesse em retomar essas análises para enfrentar a difícil problemática da educação brasileira. Assim, parte-se do pressuposto de que é na e pela interação social que o homem tem acesso ao saber acumulado por seus antepassados. E que, ao fazê-lo, constitui-se como sujeito.

Nesse sentido, as interações sociais de modo geral e aquelas que ocorrem particularmente no âmbito escolar vêm sendo apontadas como um caminho para incrementar os processos de aprendizagem e desenvolvimento, tornando mais produtivo o impacto da escola na trajetória de vida do sujeito. Para que essa hipótese seja, de modo consequente, orientadora da prática pedagógica, é necessário que os educadores conheçam as diferentes teorias que subsidiam o trabalho dessa natureza.

Na Psicologia, a abordagem interacionista tem em Jean Piaget e em Lev Vigotski dois de seus maiores expoentes. Assim, a análise aqui efetuada de suas concepções, bem como as considerações sobre a identidade e a natureza de suas teses interacionistas, visa contribuir para a apreensão desse quadro teórico de grande importância no âmbito educacional.

Este livro traz reflexões sobre as diferentes posições teóricas da vertente interacionista, a fim de compreender o tratamento dado por cada uma delas ao social como condição determinante no processo de apropriação e superação do conhecimento disponível. O entendimento do tema passa pelos conceitos de desenvolvimento e aprendizagem, pois as posturas pedagógicas derivadas das teorias de ensino estão atreladas à forma como esses fatores são definidos e combinados. Assim, partindo da obra de dois pesquisadores reconhecidamente influentes na pedagogia interacionista, procura-se abordar, do ponto de vista teórico, suas propostas sobre aprendizagem e desenvolvimento, observando sobretudo a relevância do social na constituição desses processos.

Embora sejam autores considerados interacionistas, eles desenvolvem suas concepções apoiados em diferentes paradigmas, o que determina divergências significativas entre elas. Os conceitos, os princípios que denotam uma conduta interacionista, os fatores que condicionam o desenvolvimento e a aprendizagem e, em especial, as implicações do contexto sócio-histórico na constituição desses processos assumem um perfil analítico particular em cada um deles.

Na tentativa de equacionar essa problemática, o primeiro capítulo apresenta resumidamente uma revisão da teoria de Piaget. Embora a concepção piagetiana já tenha sido discutida e analisada em inúmeros trabalhos científicos, livros e teses acadêmicas (Chiarottino, 1984 e 1988; Freitag, 1985 e 1986; Macedo, 1979; Perret-Clermont, 1978; Furth, 1974 etc.), julgou-se conveniente realizar, num primeiro momento, uma síntese dela, a fim de visualizar a totalidade dessa proposta, a qual só pode ser compreendida mediante o desvelamento das bases teórico-metodológicas que lhe dão sustentação. Para tanto, retomou-se a ideia central de alguns sistemas filosóficos e epistemológicos que influenciaram mais intensamente os postulados de Piaget. Com base nesses sistemas, verificou-se de que forma, sob o ponto de vista interacionista, as implicações teórico-metodológicas subjacentes à sua postura o levam a articular desenvolvimento e aprendizagem.

No segundo capítulo, faz-se uma reflexão análoga à do capítulo anterior, porém em relação às ideias de Vigotski. A retomada do modelo teórico desse autor justifica-se pelo fato de sua obra não ser de todo conhecida no meio educacional brasileiro. Durante a primeira metade do século XX, o difícil acesso à bibliografia elaborada por autores soviéticos limitou o contato de profissionais da área de educação com a concepção dos fenômenos psicológicos à luz do materialismo histórico. Portanto, é necessário penetrar no pensamento de Vigotski, considerado um dos maiores nomes da psicologia soviética, a fim de verificar sua

posição sobre a constituição e a interdependência entre desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, os capítulos iniciais propõem um confronto entre as teorias de Piaget e Vigotski, evidenciando por que os dois interacionistas desenvolvem leituras distintas dos mesmos fenômenos. De fato, as convergências e divergências entre o pensamento deles só podem ser compreendidas pelo entendimento das raízes epistemológicas de suas ideias. Uma vez esclarecido esse aspecto, os processos de desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski são analisados atentando-se para a origem e a forma como esses fatores estão articulados em ambas as perspectivas. Afinal, as diferentes possibilidades de relações e combinações entre as ideias dos autores podem produzir divergências profundas entre as abordagens consideradas interacionistas, inclusive em relação às práticas pedagógicas resultantes.

Tomando sempre como referencial básico as teorias de Piaget e Vigotski, o terceiro capítulo busca identificar a relevância e o papel que as intenções sociais assumem em cada uma delas. De posse dos fundamentos epistemológicos nos quais ambas se apoiam, e uma vez apresentadas as explicações no que diz respeito à constituição e à interdependência entre os processos de desenvolvimento e aprendizagem, resta caracterizar a conduta interacionista desses autores, implícita em seus modelos teóricos.

É destacando alguns conceitos e princípios norteadores de uma e de outra teoria que se torna possível chegar a uma conclusão quanto ao valor e à função da mediação social para a aprendizagem e o desenvolvimento. Por fim, mostra-se, de forma sucinta, o resultado da análise desenvolvida a respeito das propostas de Piaget e Vigotski, salientando as especificidades epistemológicas de cada teoria e evidenciando a distância entre o interacionismo construtivista de Jean Piaget e o sociointeracionismo proposto por Vigotski.

Acredita-se que este livro possa auxiliar os profissionais preocupados com a questão educacional a repensar a complexa relação que se estabelece entre aprendizagem e desenvolvimento, tendo em vista um entendimento mais aprofundado de duas teorias enquadradas na vertente interacionista.

# 1

## A concepção de Jean Piaget

### **PROPOSTA TEÓRICA**

Jean Piaget (1896-1980) nasceu em Neuchâtel, pequena cidade da Suíça francesa, e desde muito cedo demonstrou interesse pela natureza e pelas ciências. Aos 10 anos, escreveu seu primeiro trabalho científico: um artigo, publicado em uma revista de história natural, em que relata observações feitas com uma andorinha albina. Logo depois, trabalhou como voluntário no Museu de Ciências Naturais de Neuchâtel, mais especificamente no setor de classificação da coleção de zoologia.

Essa experiência, associada aos estudos que desenvolveu sobre moluscos, possibilitou-lhe (em idade bastante precoce) publicar uma série de artigos sobre tais organismos e sobre temas zoológicos afins. Ainda adolescente, iniciou suas leituras nas áreas de filosofia (sobretudo a obra de Henri Bergson), lógica e religião, o que lhe despertou o interesse pela epistemologia, ramo da filosofia relacionado ao estudo do conhecimento.

Piaget licenciou-se em Ciências Naturais, na Universidade de Neuchâtel, em 1915, doutorando-se três anos mais tarde com uma tese sobre os moluscos da região de Valois, na Suíça. Sua formação em biologia levou-o a pressupor que os processos de conhecimento dependiam dos mecanismos de equilíbrio orgânico. Não obstante, seus estudos epistemológicos demonstravam que tanto as ações externas como os processos de pensamento implicam uma organização lógica. Piaget conjugou essas duas